



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – CCSA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – DECOM
CURSO DE BACHARELADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO – JORNALISMO

**JOSÉ EWERTON ANACLETO DE ANDRADE
NATHALIA DE LUCENA JERONYMO LIMA**

**REPORTAGEM ESPECIAL:
DIA A DIA DE UM PORTADOR DE HIV - ESTIGMA E
DISCRIMINAÇÃO**

RELATÓRIO TÉCNICO DE PRODUTO MIDIÁTICO

**CAMPINA GRANDE, PB
2017**

**JOSE EWERTON ANACLETO DE ANDRADE
NATHALIA DE LUCENA JERONYMO LIMA**

**REPORTAGEM ESPECIAL:
DIA A DIA DE UM PORTADOR DE HIV - ESTIGMA E
DISCRIMINAÇÃO**

Relatório referente à produção de produto midiático apresentado ao curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, em cumprimento à exigência para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social.
Orientadora: Prof^ª. Dra. Verônica Almeida de Oliveira Lima

**CAMPINA GRANDE, PB
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732r Lima, Nathalia de Lucena Jeronymo.
Reportagem especial [manuscrito] : dia a dia de um portador de HIV - estigma e discriminação/ José Ewerton Anacleto de Andrade / Nathalia de Lucena Jeronymo Lima. - 2017.
37 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2017.
"Orientação : Profa. Dra. Verônica Almeida de Oliveira Lima, Departamento de Comunicação Social - CCSA."

1. HIV. 2. AIDS. 3. Preconceito. 4. Mídia. 5. Reportagem.
6. Produto midiático.

21. ed. CDD 070.43

JOSE EWERTON ANACLETO DE ANDRADE

NATHALIA DE LUCENA JERONYMO LIMA

**REPORTAGEM ESPECIAL:
DIA A DIA DE UM PORTADOR DE HIV - ESTIGMA E
DISCRIMINAÇÃO**

Relatório referente à produção de produto midiático apresentado ao curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, em cumprimento à exigência para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social.

Aprovado em 18/12/2017.



Profa. Dra. Verônica Almeida de Oliveira Lima (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Me. Maria Zita Almeida Batista Santos (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Maria do Socorro Tomás Palito Santos (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

A professora orientadora desta pesquisa, Professora Mestre Verônica Almeida de Oliveira Lima, pela confiança e apoio. Minha mãe, Maria Carlos de Andrade, a ela devo grande parte de minha formação de caráter e fé. Aos amigos, Arthur Castro e Nathália Lucena, com quem dividi minhas incertezas e frustrações durante o processo de produção desta pesquisa.

José Ewerton Anacleto Andrade

Agradeço à Deus, o qual me rege e abençoa desde sempre, e em mais um ciclo de vida se encerrando e outro começando, não poderia ser diferente.

Aos meus pais por me instruírem a ser íntegra, ter caráter e fé. Meu pai, Paulo Jerônimo, por me ensinar todos os dias o que é ter perseverança. A minha mãe, Gracita Lucena, por ser sinônimo de força. A meus irmãos Rodolfo de Lucena e Rennan de Lucena, por serem meus parceiros. Aos meus tios, que apesar da distância geográfica se fazem presentes nos momentos difíceis e me apoiam com tanta compreensão. A meu namorado, Vinicius Farias, meu companheiro, por ser meu suporte, pela paciência e por dividir comigo os sorrisos, obrigada por tudo. As minhas princesas, amigas de curso, Kemilly Thayná, Sabrina Brito e Maria Clara, por terem feito parte desse ciclo da minha vida, me ajudando, incentivando e partilhando comigo aflições e as alegrias. Ao meu clã tão querido, Carlos Vieira, José Hugo, Sulamita Oliveira e Hugo Brendon, por terem me acolhido com tanto carinho. Ao meu amigo Daniel Dias, pelo empenho e o esforço em me ajudar. A minha orientadora Verônica Oliveira, pelo apoio. E ao meu amigo Ewerton Andrade por ter abraçado comigo a ideia do trabalho de conclusão do curso.

Nathália de Lucena Jerônimo Lima

“A Aids não foi vencida. A epidemia cresce em proporções geométricas e vem fazendo milhares de vítimas, inclusive entre mulheres e crianças. Mas, sempre restará a esperança da cura, não só da Aids, mas também da doença do preconceito, enquanto formos capazes de transformar a solidão em solidariedade e o desespero em esperança. Tenho Aids e estou viva.” (Rosilda Marinho)

RESUMO

O presente relatório aborda as etapas de produção e execução de uma reportagem especial para televisão. A AIDS tomou proporções alarmantes na década de 1980, a falta de informações, nesse período, por parte de alguns grupos de mídia, alimentou suposições preconceituosas que, em alguns casos, perduram até os dias de hoje. Diante deste contexto, a reportagem busca analisar as inter-relações de um portador do vírus HIV. O vídeo tenta contribuir para a formação intelectual e crítica do público-alvo, tentando conscientizar agindo contra o preconceito. Para a reportagem especial foram entrevistados Humberto Martins (portador de HIV de nome fictício); a médica infectologista Sônia Maria Barbosa de Sousa; Lúcia de Fátima Leite Brito, coordenadora do SAE (Serviço de Assistência Especializada em HIV/Aids) e assistente social e Lúcia Ventura, presidente da Casa de Apoio ao portadore de HIV/AIDS da cidade de Campina Grande. A reportagem tem duração de 8'37'' (oito minutos e trinta e sete segundos). As sequências visuais da matéria são qualidades estéticas centrais na produção de sentidos relacionados a doença. É por meio do convívio criado pelo repórter ao interagir com as fontes que o jornalismo constrói o enquadramento de aceitação em relação ao cotidiano.

Palavras-chaves: HIV, AIDS, Preconceito, Mídia.

ABSTRACT

This report covers the stages of producing and executing a special feature for television. AIDS took on alarming proportions in the 1980s, the lack of information in that period by some media groups fueled prejudiced assumptions that in some cases persist to this day. Given this context, the report seeks to analyze the interrelationships of a carrier of the HIV virus. The video tries to contribute to the intellectual and critical formation of the target audience, trying to raise awareness against prejudice. For the special report were interviewed Humberto Martins (HIV carrier with a fictitious name); the medical infectologist Sônia Maria Barbosa de Sousa; Lúcia de Fátima Leite Brito, coordinator of the SAE (Specialized HIV / AIDS Assistance Service) and social worker, and Lúcia Ventura, president of the support house for HIV / AIDS patients in the city of Campina Grande. The report lasts 8'37 "(eight minutes and thirty-seven seconds). The visual sequences of matter are central aesthetic qualities in the production of meanings related to disease. It is through the conviviality created by the reporter when interacting with the sources that journalism builds the framework of acceptance in relation to the quotidian.

Keywords: HIV, AIDS, Prejudice, Media.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
1.1 Contextualização.....	9
1.2 Objetivos.....	13
1.3 Justificativa.....	13
1.4 Público alvo.....	15
1.5 Orçamento preliminar.....	15
1.6 Cronograma de atividades.....	16
2. DETALHAMENTO TÉCNICO.....	17
2.1 Descrição do produto.....	17
2.2 Conceitos básicos.....	17
3. PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO.....	19
3.1 Descrição dos procedimentos.....	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS.....	22
ANEXOS.....	23

1. INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização

Desde quando surgiu, por volta do ano de 1980, a AIDS (síndrome da imunodeficiência adquirida, na sigla em inglês) acabou se tornando uma das piores e mais temidas doenças que já existiram na face da Terra, na época não existia nenhum tipo de estudo satisfatório que pudesse esclarecer as pessoas com de tratamento. De modo que, a imunidade da pessoa caía a tal ponto que um simples resfriado seria capaz de levá-la a morte. Além da falta de tratamentos, a capacitação profissional não era tão adequada como atualmente, o que levou milhares de pessoas a contrair o vírus HIV e desenvolverem casos graves de AIDS.

As formas de contágio do HIV são bem conhecidas: fazer sexo sem proteção, exposição a sangue ou hemoderivados contaminado. Há também a transmissão de mãe para filho, durante a gestação, quando não se faz uso do coquetel ou quando há amamentação. Se faz importante tomar conhecimento que saliva, lágrima, suor, escarro ou vômito de pessoas infectadas não transmitem o vírus, desde que a pessoa não possua ferimentos expostos.

Após o contágio, ocorre uma fase que é chamada de latência. O HIV fica quieto no organismo, sem causar nenhum sintoma. Esta fase pode durar de três meses à vinte anos. Neste período, a pessoa infectada aparenta estar saudável, sem nenhum sintoma. Entretanto, ao realizar o teste sorológico, o resultado será positivo. Esta pessoa classifica-se, portanto, como sendo HIV positivo e sem AIDS, pois não apresenta nenhum sintoma da doença.

Quando as defesas do organismo estão baixas e a pessoa já está pegando infecções perigosas, diz-se que ela tem AIDS. Geralmente, os primeiros sinais da AIDS são pneumonia e tumores nos gânglios linfáticos. Os sintomas aparecem quando o número de linfócitos auxiliares (LT-CD4) cai abaixo de 200 células por mililitro de sangue, onde a contagem normal é em torno de 1.000 CD4 por mililitro de sangue.

O teste mais utilizado nas investigações diagnósticas, para detecção de anticorpos anti-HIV no organismo, é o Elisa (do inglês Enzyme-Linked Immunosorbent Assay) ou ensaio de imunoabsorção enzimática. Ele procura no sangue do indivíduo os anticorpos que, naturalmente, o corpo desenvolve em resposta à infecção pelo HIV. O resultado desse teste é rápido, mas, ocasionalmente, pode surgir um falso positivo (resultado positivo para o HIV, em uma pessoa não contaminada pelo vírus). Por isso, caso o resultado seja positivo, aconselha-se repetir o Elisa e, em seguida, fazer o teste de Western Blot, também conhecido como ensaio imunoenzimático e refere-se a imunodeteção de proteínas em filtro de

nitrocelulose, para que não restem quaisquer dúvidas. O teste de Western Blot é mais sensível e define, com mais precisão, a presença de anticorpos anti-HIV no sangue. No entanto, como é mais complicado e exige condições técnicas mais avançadas, só é utilizado como confirmação do Elisa.

A partir dessa fase que se detecta o vírus o paciente já pode começar o tratamento. Mas isso não era possível entre os anos de 1982 a 1989, a sobrevida mediana no Brasil dos pacientes com AIDS maiores de 12 anos era de apenas 5,1 meses (CHEQUER, 1992), ou seja, após o diagnóstico da primeira infecção oportunista, cerca de 50% dos pacientes morriam em menos de seis meses. A mudança deste cenário ocorreu em 1989 com a descoberta da zidovudina-AZT, que se mostrou eficaz inicialmente, mas que não alterava o tempo de sobrevivência.

Em meados de 1996, surgiram novas substâncias que, associadas ao AZT, aumentaram discretamente a sobrevida das pessoas afetadas. O avanço nas pesquisas científicas possibilitou o aparecimento, em 1996, de uma proposta terapêutica que demonstrou um aumento da sobrevida, ficando popularmente conhecida como coquetel. Era a terapia anti-retroviral de alta potência. Essa terapia trouxe avanços inestimáveis, propiciando o esclarecimento de aspectos fundamentais da doença. A AIDS passaria a ser uma enfermidade crônica, compatível com sobrevivência e com preservação da qualidade de vida.

No Brasil, desde 1995, garantiu-se o acesso universal aos anti-retrovirais. E a partir de 1996, frente ao ótimo resultado do coquetel, os medicamentos que o compõe são garantidos por lei federal (Lei 9.313 de 13/11/1996). A melhor maneira de combater o vírus é impedir sua multiplicação. É o que fazem os medicamentos anti-HIV, que devem baixar a carga viral, tornando-a indetectável e, se possível, restaurar a imunidade. As drogas anti-retrovirais agem impedindo o HIV de se reproduzir dentro das células, cessando a infecção de novas células pelas suas cópias. Ao fazer isto, a quantidade de HIV no organismo diminui e o dano que ele pode causar ao sistema imunológico também é reduzido. Seguindo o tratamento corretamente o paciente poderá levar uma vida normal, chegando a ter a carga viral indetectável, onde o mesmo já não pode contaminar outras pessoas. Isso não o anula, em suas relações sexuais, de se proteger, pois ainda assim existem outras doenças sexualmente transmissíveis.

Atualmente, o HIV está presente em todos os setores da sociedade brasileira. “Heterossexuais adultos representam a maior parcela nas novas notificações de infecção pelo vírus HIV. Em 2012, 67,5% dos casos informados pela rede de saúde pertenciam ao grupo de heterossexuais, sendo a maioria formada por mulheres, com 58,2%.” (CARVALHO, URIBE; 2014, s.p.).

Hoje, o Brasil ganha posição de destaque ao ser o primeiro país em desenvolvimento a fornecer tratamento público e gratuito a qualquer cidadão diagnosticado com infecção pelo vírus. O início imediato do uso de antirretrovirais é a principal forma de combate ao mal em pessoas que já têm o HIV instalado no organismo.

Os portadores são regidos por direitos, esses que foram criados em 1989, onde profissionais da saúde e membros da sociedade civil, com o apoio do Departamento de IST, HIV/Aids e Hepatites Virais, fundaram a Declaração dos Direitos Fundamentais da Pessoa Portadora do Vírus da AIDS. O documento foi aprovado no Encontro Nacional de ONGs que Trabalham com AIDS (ENONG), em Porto Alegre (RS):

- I - Todas as pessoas têm direito à informação clara, exata, sobre a AIDS.
- II – Os portadores do vírus têm direito a informações específicas sobre sua condição.
- III - Todo portador do vírus da AIDS tem direito à assistência e ao tratamento, dados sem qualquer restrição, garantindo sua melhor qualidade de vida.
- IV - Nenhum portador do vírus será submetido a isolamento, quarentena ou qualquer tipo de discriminação.
- V - Ninguém tem o direito de restringir a liberdade ou os direitos das pessoas pelo único motivo de serem portadoras do HIV/AIDS, qualquer que seja sua raça, nacionalidade, religião, sexo ou orientação sexual.
- VI - Todo portador do vírus da AIDS tem direito à participação em todos os aspectos da vida social. Toda ação que visar a recusar aos portadores do HIV/AIDS um emprego, um alojamento, uma assistência ou a privá-los disso, ou que tenda a restringi-los à participação em atividades coletivas, escolares e militares, deve ser considerada discriminatória e ser punida por lei.
- VII - Todas as pessoas têm direito de receber sangue e hemoderivados, órgãos ou tecidos que tenham sido rigorosamente testados para o HIV.
- VIII - Ninguém poderá fazer referência à doença de alguém, passada ou futura, ou ao resultado de seus testes para o HIV/AIDS, sem o consentimento da pessoa envolvida. A privacidade do portador do vírus deverá ser assegurada por todos os serviços médicos e assistenciais.
- IX - Ninguém será submetido aos testes de HIV/AIDS compulsoriamente, em caso algum. Os testes de AIDS deverão ser usados exclusivamente para fins

diagnósticos, controle de transfusões e transplantes, estudos epidemiológicos e nunca qualquer tipo de controle de pessoas ou populações. Em todos os casos de testes, os interessados deverão ser informados. Os resultados deverão ser transmitidos por um profissional competente.

- X - Todo portador do vírus tem direito a comunicar apenas às pessoas que deseja seu estado de saúde e o resultado dos seus testes.
- XI - Toda pessoa com HIV/AIDS tem direito à continuação de sua vida civil, profissional, sexual e afetiva. Nenhuma ação poderá restringir seus direitos completos à cidadania. (BRASIL, 2014)¹.

Na década de 1980, houve um grande número de mortes de homossexuais nos Estados Unidos em decorrência de uma doença que até então era tratada como um câncer, o Sarcoma de Kaposi, essa doença, a qual provoca lesões nos tecidos moles para quem está no estágio final da AIDS, despertou a comunidade médica e cientistas. (ALMEIDA, 2008).

Sem muitas informações na ânsia de noticiar, o jornal The New York Times, dos Estados Unidos relatou o pânico que a AIDS causava, essa notícia ganhou espaço na mídia e atenção da sociedade.

Através de agências de notícias internacionais, o Brasil começou a transmitir sobre a doença antes mesmo que o primeiro caso de AIDS fosse identificado no país. Alimentando hipóteses preconceituosas dos quais muitos permanecem até a atualidade.

Vale ressaltar que, de acordo com o Artigo II, parágrafo 3º do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, é dever do profissional da comunicação “defender os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas, em especial, as das crianças, adolescentes, das mulheres, dos idosos, dos negros e das minorias”.

Porém, os erros cometidos pela comunidade médica, científica e jornalística promoveram a criação de estigmas e ideias preconceituosas de um crime que ainda hoje se luta arduamente para combater: a discriminação contra o portador do vírus HIV.

Em 2014, foi publicada a Lei nº 12.984, de 2 de junho de 2014, que define o crime de discriminação aos portadores do vírus da imunodeficiência humana (HIV) e doentes de AIDS.

Assim, é objetivo deste trabalho apresentar uma Reportagem Especial que mostre a história de luta de um portador de HIV. São muitos os desafios que esse grupo de pessoas

¹ In: <<https://goo.gl/4mZxQV>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

enfrenta, desde a falta de conhecimento dos próprios direitos, passando pelo preconceito por parte da sociedade, até a falta de compromisso ético por parte da mídia.

1.2 Objetivos

Objetivo Geral:

- Produzir uma Reportagem Especial em vídeo com objetivo de mostrar a história de luta de um portador de HIV, tentando desmitificar o preconceito e mostrando a história de vida de um portador.

Objetivos Específicos:

- Utilizar as técnicas do telejornalismo e do jornalismo móvel para criar uma Reportagem Especial em vídeo, estabelecendo relação com as teorias trabalhadas em sala de aula com a prática profissional;
- Contar a história de um portador de HIV a partir de uma narrativa com ênfase nos aspectos emocionais, sem tirar o foco da informação;
- Conhecer os tipos de tratamentos e fases que envolvem cada etapa da doença;
- Entrevistar profissionais, médicos, responsáveis por instituições de apoio e os próprios portadores da doença, com o intuito de darmos maior densidade informativa ao tema, assim como oferecer várias perspectivas sobre o assunto.

1.3 Justificativa

Embarcar na história de um soropositivo é proporcionar uma maior compreensão sobre a realidade e a luta de cada dia deles. Iremos consolidar de forma clara e simples as dificuldades enfrentadas, preconceitos e os tratamentos usados.

Nós precisamos assimilar que o portador de HIV nos dias de hoje pode viver de forma normal, casar, ter filhos e esses não vão contrair a doença. Com o avanço da medicina, os coquetéis se tornaram um dos grandes aliados de um soropositivo. A realização desse projeto

é de cunho social, adentrará em um assunto que de algum modo causa certo preconceito nas pessoas.

O trabalho tem o intuito de trazer uma nova concepção de que estamos rodeados de pessoas portadoras do vírus e nem sabemos, pois os mesmos vivem uma vida cotidiana normal, ativa. Esta proposta vem como inovadora, visto que, no curso de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba, até o presente momento, este tema não foi tratado sob esta modalidade, promovendo assim uma interação entre o campo acadêmico e a sociedade como um todo.

Com esse trabalho será possível relacionar os conhecimentos teóricos e práticos vistos em sala de aula no decorrer do curso. Temos também como interesse trazer para a trajetória de um soropositivo recente descoberto um sentimento de ter tirado um “peso das costas” em poder falar sobre tal assunto com tanta naturalidade, para que as pessoas o possam enxergar também de tal forma. Sobre esse ponto de vista, o resultado do trabalho trará uma contribuição social e um conhecimento abrangente sobre a temática discutida.

A ética se faz necessária em todas as relações sociais, cotidianamente, já que cada grupo social possui seu próprio código de postura. Ela é necessária a todos, inclusive ao jornalista, que tem um poder de voz muitas vezes difícil de ser alcançado pelos demais e que, portanto, pode atuar tanto no sentido de contribuir para a cidadania quanto de agir contrariamente aos princípios de direitos humanos e cidadãos. Para Guareschi (et. al. 2000, p. 55):

A ética se refere aos princípios fundamentais de justiça, igualdade e solidariedade. A ética está continuamente na busca de uma sociedade mais justa e fraterna e do estabelecimento de normas que sejam mais construtoras de seres humanos livres e solidários. A ética busca a libertação pessoal e social das pessoas e das situações de injustiça.

Embora tenha cometido muitos erros ao longo dos anos, a mídia participou ativamente da construção da AIDS junto à sociedade. Foi através dos meios de comunicação que a doença ganhou dimensão pública, deixando de ser um assunto decorrente apenas da comunidade científica e médica.

Esses veículos e a sociedade civil foram responsáveis também por mostrar que o portador de HIV não era apenas representado por uma questão patológica, mas também social, cultural, econômica e política.

Cada vez mais artistas e empresas tem se engajado na luta e se disponibilizado a participar de campanhas de combate e prevenção da doença. A cantora Negra Li participou da

campanha “Qual sua atitude na luta contra a AIDS”, que ressalta a importância do uso do preservativo. A L’Oreal Cosméticos lançou no Brasil a campanha “Cabeleireiros do mundo contra a AIDS”, que além de muitas personalidades da área da beleza, contava com a participação de artistas. Outro exemplo clássico ao longo dessa luta, é o da empresa canadense MAC Cosméticos, que desde 1994, escolheu organizações atuantes em prol das vítimas do HIV/AIDS como beneficiários caritativo por meio da criação da MAC AIDS Found, e até hoje a Campanha VIVA GLAM tendo como porta vozes as estrelas Lady Gaga, Rihanna, Pamela Anderson, Ariana Grande e Nick Minaj, já levantou mais de 340 milhões de dólares em favor do combate à doença.

As organizações de luta contra a Aids não tiveram participação expressiva durante o processo constituinte, mas souberam utilizar adequadamente os avanços constitucionais em benefício das pessoas vivendo com HIV/Aids. Para tanto, articularam Aids e saúde, a partir de uma compreensão da saúde como um direito fundamental do ser humano, que o Estado deve observar através de políticas econômicas e sociais, e não somente através de ações na área de assistência à saúde. (VENTURA, 2002).

Os meios de comunicação pararam de buscar uma linguagem capaz só do “use camisinha”. Além disso, hoje os jovens acessam as informações pela internet, por blogs e redes sociais.

Está claro, que esse empréstimo de imagem para campanhas é importante porque trabalha com o inconsciente do público, sendo capaz de alcançar diretamente a juventude menos impositiva e mais acessível, mostrando que a AIDS é uma preocupação de toda sociedade, extinguindo preconceitos e represálias preconceituosas.

1.4 Público alvo

A Reportagem Especial aborda uma temática que interessa todas as classes sociais, servindo como forma de conscientização para pessoas que estigmatizam o soropositivo.

1.5 Orçamento preliminar

As despesas com a reportagem especial foram em torno de R\$ 100,00 (cem reais) referente ao valor cobrado para edição do vídeo. Como também R\$ 30,00 (trinta reais) em gasto com transporte para nosso deslocamento aos locais das entrevistas. O valor total das despesas foi de R\$ 130,00 (cento e trinta reais).

Os equipamentos utilizados para as gravações da reportagem (dois smartphones iPhone 6 e câmera Sony Cyber Shot Exmor 16.2 megapixels) são de uso pessoal e não geraram custos para o presente trabalho.

1.6 Cronograma de atividades

MESES	SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO
Seleção de imagens		X	X	
Depoimentos		X	X	
Pesquisas bibliográficas	X	X	X	
Gravação off			X	X
Edição			X	X
Revisão e ajustes	X	X	X	X
Apresentação TCC				X

2. DETALHAMENTO TÉCNICO

2.1 Descrição do produto

O interesse em produzir uma Reportagem Especial de uma pessoa com sorologia positiva partiu, em princípio, de experiências dos autores com pessoas portadoras do vírus HIV, conseguindo entender o preconceito sentido por eles.

Ter uma relação interpessoal com portador de HIV traz a nós uma necessidade de lutar contra o preconceito imposto por essa sociedade. Por diversas vezes, não nos damos conta de determinados comportamentos, e sequer refletimos sobre o porquê de algumas atitudes, deste modo, é fazendo uma relação intrapessoal que o ser humano se torna eficiente nas relações interpessoais, portanto, é se autoconhecendo e entendendo as barreiras e defesas que limitam o próprio relacionamento que o sujeito estabelece metas em busca de compreender e melhor se relacionar com o outro.

É necessário aceitar as pessoas como elas são, ouvir com atenção os sentimentos do outro, ser paciente, ser empático e acima de tudo respeitar cada ser humano na maneira individual que cada um deles é.

2.2 Conceitos básicos

2.2.1 Reportagem especial

A reportagem especial foi elaborada com aquisição de informações detalhadas a respeito de um soropositivo no seu âmbito cotidiano. Só foi possível a coleta de dados devido a contribuição de profissionais da área da saúde, sendo eles, a médica infectologista Sônia Maria Barbosa e a assistente social Lúcia de Fátima, que também nos ajudou falando um pouco sobre o Serviço de Assistência Especializada em HIV/AIDS (SAE) e a coordenadora da casa de apoio ao portador de HIV, Lúcia Ventura, ambas localizadas respectivamente nos bairros da Prata e São José em Campina Grande/PB.

Para a reportagem foi necessário adotar a linguagem coloquial, para que todos os públicos alcançados tenham total entendimento da mensagem transmitida. A respeito deste assunto, Peternostro (2006) evidencia aspectos que se devam tomar para evidenciar o texto que irá ao ar:

O jornalista deve “contar” os conhecimentos do cotidiano de uma maneira que toda a sociedade entenda como se estivesse conversando com uma pessoa. É para ela que vai transmitir suas informações. Com essa ideia na cabeça fica mais fácil escrever

um texto que se deve ser assimilado instantaneamente por milhões de telespectadores. (PATERNOSTRO, 2006, p.94)

No caso da reportagem especial é preciso ainda pensar de forma mais efetiva em um produto audiovisual que favoreça a notícia, para isto, contamos com a experiência dos autores deste trabalho que convivem com pessoas com HIV. Esta questão é importante uma vez que:

O que torna uma reportagem especial é o tratamento muito mais primoroso, tanto de conteúdo quanto plástico. Ela nos permite aprofundar assuntos de interesse público, que podem estar retratados em uma única reportagem ou em uma série. (CARVALHO et al, 2010, p. 21)

A convivência com pessoas com HIV permitiu, por exemplo, entender e perceber de forma muito próxima, os dramas, dilemas e conhecer de forma mais direta a doença. Neste sentido, tentamos produzir um material que ajudasse a sociedade a entender um pouco mais sobre o HIV e, principalmente, a vida de quem convive com HIV, cumprindo, assim, o papel da reportagem, que é: “ajudar a sociedade”. (VILLELA, 2008, p. 149).

Ter HIV é sinônimo de morte, crença essa difundida pela mídia em meados dos anos 1980, e que contribui para condutas discriminatórias em relação aos portadores do vírus até hoje. Essa vivência de situações discriminatórias gera desconforto e causa sofrimento psíquico sobre os comportamentos das outras pessoas frente a ela, contribuindo para sentimentos de negatividade, em decorrência do medo da rejeição social. A pesquisa traz, além do cunho jornalístico, esse peso social e de humanização, visando romper essa desmistificação.

3. PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO

3.1 Descrição dos procedimentos

O presente trabalho deu-se à partir do componente curricular Elaboração de Projetos, cursado em 2015, no sexto período do curso. A ideia surgiu de maneira espontânea, visto que o tema englobava o cotidiano dos autores.

Com a temática já definida começamos as orientações de setembro a novembro de 2017 com todo planejamento técnico. Em outubro, demos início a primeira filmagem, no dia 23 gravamos com Humberto Martins (nome fictício), portador do vírus do HIV. Logo em seguida iniciamos o relatório técnico. No dia 10 de novembro gravamos no Serviço de Sistema Especializado em HIV/AIDS, com a coordenadora do centro Lúcia de Fátima e com a médica infectologista Sonia Maria Barbosa de Souza, sob autorização concedida por Raquel Brito, coordenadora de Educação na Saúde do Centro de Referência Regional em Saúde do Trabalhador de Campina Grande, CEREST-CG. E ainda no 10 de novembro, fomos a casa de apoio aos portadores de HIV, e gravamos com Lúcia Ventura, presidente do local.

O trabalho foi executado com uma câmera Sony Cyber Shot Exmor 16.2 megapixels e dois smartphones iPhone 6. Ainda não sendo materiais de porte profissional, os mesmos nos auxiliaram na gravação das imagens e nos áudios dos entrevistados.

O jornalismo atual utiliza-se destes novos meios para se produzir notícias, uma vez que são mais acessíveis e de grande porte tecnológico. “O jornalismo móvel é uma modalidade de prática e de consumo de notícias através de tecnologias móveis (smartphones, tablets, celulares e outros dispositivos similares).” (SILVA, 2015, p. 9)

A primeira gravação foi feita com a câmera Sony Cyber Shot Exmor 16.2 megapixels e um dos smartphones para o auxílio da captura do áudio. Nesta, foram colhidas as imagens do primeiro entrevistado, onde o mesmo pediu pra não ser identificado. Sem termos experiência com as câmeras, o esforço em achar um melhor enquadramento foi maior, visto que o entrevistado pediu para cobrirmos o seu rosto. Após encontrarmos o posicionamento certo da câmera, o desenrolar da entrevista fluiu. A câmera Sony possui uma boa qualidade de imagem e som, para ser uma câmera de pequeno porte, mas para contribuir nas edições optamos pelo auxílio de gravação de áudio com o smartphone.

Nas duas gravações seguidas utilizamos os dois iPhones, um na filmagem e outro a captura do áudio. Para encerrar as gravações utilizamos a câmera Sony e um dos iPhones para o auxílio no áudio. Como já estávamos familiarizados com as câmeras soubemos manusear e enquadrar as imagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho nos auxiliou a ter uma melhor reflexão sobre as relações de convivência entre o portador e a sociedade. Além disso, é de grande valia deixarmos explícito que os resultados alcançados fazem parte dos significados encontrados nas representações dos entrevistados envolvidos nesta reportagem e que tomamos a liberdade para interpretá-los. Foi de clara percepção e necessidade as informações que devem ser passadas a sociedade a respeito do HIV. O assunto foi de fato um pouco esquecido, deixado de lado, em 2017 é possível ainda encontrar pessoas com pouca instrução sobre o assunto. Os cuidados a serem tomados são simples, e nem todos se preocupam em se prevenir.

É importante ressaltar que as informações a serem passadas não devem ser apenas instruções técnicas em relação a patologia do HIV, mas buscar trabalhar questões como o preconceito, que chega a ser uma doença ainda bem mais grave na sociedade em que vivemos. E afetividade para com o próximo.

As pessoas com HIV sofrem bastante em um curto espaço de tempo, as transformações de vida sofridas por elas podem acarretar em diversas situações sentimento de culpa, raiva, depressão, insegurança e solidão. Estes momentos são sentidos severamente, eles carecem de toda a atenção da família e amigos, para os momentos mais delicados. O conforto encontrado por eles nas horas de dor são gratificantes e os deixam mais fortes para enfrentarem o tratamento e os desafios do cotidiano.

Na grande maioria dos casos, o portador do vírus se compreende como um doente social, sendo recriminado e excluído das suas eventuais atividades no âmbito cotidiano, pois a sociedade se vê em permanente risco.

Nesse contexto se faz necessário transportar o indivíduo para a vivência social novamente, para que assim ele tenha perspectivas de ter uma vida tranquila.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Alexandre; DIAMANTE, Fábio; BRUNIERA, Sérgio Thiago; UTSCH, Sérgio. **Reportagem na TV**; como fazer, como produzir, como editar. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

CHEQUER, P.; HEARST, N.; HUDES, E. S. CASTILHO, E.; RUTHERFORD, G.; LOURES, L. & RODRIGUES, L., 1992a. **Determinants of survival in adult Brazilian AIDS patients**, 1982-1989. *AIDS*, 6: 483-487.

GUARESCHI, Pedrinho, et al. **Os construtores da informação**; meios de comunicação, ideologia e ética. Petrópolis: Vozes, 2000.

O GLOBO. In: <<https://oglobo.globo.com/brasil/virus-hiv-infecta-mais-grupo-dos-heterossexuais-diz-estudo-11785561#ixzz4y9OKhWmh>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV**: manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

SILVA, Fernando F. da. **Jornalismo e tecnologias da mobilidade**: conceitos e configurações. Artigo apresentado no II Simpósio Nacional de Pesquisadores em Cibercultura – ABCiber, de 10 a 13 de novembro de 2002.

VENTURA, Mirian da Silva. **Assessorias jurídicas das ONGs/AIDS e sua contribuição para a efetivação dos direitos das pessoas que vivem com HIV/AIDS no Brasil**. In: BUGLIONE, Samantha (Org.). Reprodução e sexualidade: uma questão de justiça. Porto Alegre: Fabris Editor, 2002.

VILLELA, Regina. **Profissão**; telejornalismo de TV – telejornalismo aplicado na era digital. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2008.

REFERÊNCIAS ONLINE

Direitos humanos e HIV/AIDS: avanços e perspectivas para o enfrentamento da epidemia no Brasil. **Ministério da Saúde**. 2008. Disponível em: Disponível em: <http://www.progepe.ufpr.br/caiss/documentos/direitos_humanos_e_aids.pdf>. Acesso em: 2017 Out. 2017.

Principais Dúvidas Sobre HIV (AIDS). **Laboratório Central**. 2010/2016. Disponível em: <<http://www.laboratoriocentral.com.br/principais-duvidas-hiv-aids/>>. Acesso em: 2017 Out. 2017.

HIV e AIDS na Gravidez. **Conselho Médico BabyCenter Brasil**. Disponível em: <<https://brasil.babycenter.com/a1500679/hiv-e-aids#ixzz4yMlmTHIc>>. Acesso em: 2017 Nov. 2017.

AIDS. **Portal Francisco**. Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/saude/aids>>. Acesso em: 2017 Nov. 2017.

Direito das PVH. **Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle da IST, do HIV/AIDS e das Hepatites Virais**. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/direitos-das-pvha>> Acesso em: 2017 Nov. 2017.

Vírus HIV infecta mais grupos dos heterossexuais, diz estudo. **O Globo**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/virus-hiv-infecta-mais-grupo-dos-heterossexuais-diz-estudo-11785561>>. Acesso em: 2017 Nov. 2017.

ANEXOS

Anexo A: Pauta – Reportagem Especial: dia a dia de um portador de HIV - estigma e discriminação

Retranca: Funcionamento do SAE

Produção e reportagem: Nathália Lucena e Ewerton Andrade

Roteiro: 10/11/2017 - Serviço de Assistência Especializada em HIV/Aids (SAE)

Entrevistada: Lúcia de Fátima, Coordenadora do SAE e Assistente Social

Proposta:

O Serviço de Assistência Especializada em HIV/Aids (SAE) é um local que disponibiliza de assistência ambulatorial durante o período de melhora clínica de pacientes com HIV, aids e Hepatites Virais, além de acompanhamento psicológico e social. No espaço também é realizada a distribuição de antirretrovirais para cerca de 500 pacientes regularmente e medicamentos de prevenção a doenças oportunistas.

Encaminhamento:

A ideia da reportagem que deverá ter no mínimo 5 minutos, é embarcar na história de um portador de HIV mostrando as fases da doença, desde a descoberta, a fase da aceitação, do preconceito para consigo mesmo e o da sociedade e de como vive com a doença. Será um história de vida, um reportagem informativa/emocional.

A reportagem será gravada no SAE, que está localizado na Rua Siqueira Campos, 658, no bairro da Prata, em frente ao prédio do antigo Serviço de Saúde.

Iremos entrevistar Lúcia de Fátima, como coordenadora do local, pedindo informações sobre o local, como funciona, qual o papel do SAE para com os pacientes, como os pacientes podem adquirir atendimento, etc. E depois entrevistaremos ela novamente como Assistente Social, perguntando sobre as dificuldades enfrentadas pelos portadores do HIV, as maiores queixas dele sobre a doença.

As imagens serão enquadradas na entrevistada de forma que a repórter não apareça muito, será no estilo de um bate papo, onde a repórter encaminhará ela antes, sobre o que irá falar e se necessário acrescentará perguntas no decorrer na reportagem.

Anexo B: Pauta - Reportagem especial: dia a dia de um portador de HIV - estigma e discriminação

Retranca: Informações HIV

Produção e reportagem: Nathália Lucena e Ewerton Andrade

Roteiro: 10/11/2017 - Serviço de Assistência Especializada em HIV/Aids (SAE)

Entrevistada: Sônia Maria Barbosa de Souza, Médica Infectologista

Encaminhamento:

A reportagem será gravada no SAE, que está localizado na Rua Siqueira Campos, 658, no bairro da Prata, em frente ao prédio do antigo Serviço de Saúde.

Iremos entrevistar a médica infectologista que atende os pacientes no SAE, pedindo que ela explique de melhor forma a doença, o contágio, os remédios e tratamento.

As imagens serão enquadradas na entrevistada de forma que a repórter não apareça muito, será no estilo de um bate papo, onde a repórter encaminhará ela antes sobre o que irá falar e se necessário acrescentará perguntas no decorrer na reportagem.

Anexo C: Pauta - Reportagem especial: dia a dia de um portador de HIV - estigma e discriminação

Retranca: Informações casa de apoio

Produção e reportagem: Nathália Lucena e Ewerton Andrade

Roteiro: 10/11/2017 – Casa de Apoio aos portadores de HIV de Campina Grande

Entrevistada: Lúcia Ventura, Presidente da casa de apoio

Encaminhamento:

A reportagem será gravada na casa de apoio, que está localizada na Rua Almirante Barroso, no bairro São José em frente a Praça do Trabalho.

Iremos entrevistar a presidente da casa de apoio, Lúcia Ventura que comanda o andamento da casa e recebe os pacientes, iremos falar sobre como é o funcionamento do local, qual ajuda dá aos pacientes, quantas pessoas atende em média, etc.

As imagens serão enquadradas na entrevistada de forma que a repórter não apareça muito, será no estilo de um bate papo, onde a repórter encaminhará ela antes sobre o que irá falar e se necessário acrescentará perguntas no decorrer na reportagem.

Anexo D: Pauta - Reportagem especial: dia a dia de um portador de HIV - estigma e discriminação

Retranca: Informações casa de apoio

Produção e reportagem: Nathália Lucena e Ewerton Andrade

Roteiro: 10/11/2017 – Casa de Apoio aos portadores de HIV de Campina Grande

Entrevistada: Lúcia Ventura, Presidente da casa de apoio

Proposta:

A casa acolhe pessoas portadoras do vírus HIV, que vêm de outras cidades do Estado da Paraíba e não tem onde se alojar. Refeições e quartos com camas são disponibilizados para os pacientes que precisam se tratar no Hospital Universitário Alcides Carneiro (HUAC). A casa promove uma parceria com a comunidade, no intuito de estabelecer um modo de serviço que possa referenciar os existentes, com dedicação social e humanitária.

Encaminhamento:

A reportagem será gravada na casa de apoio, que está localizada na Rua Almirante Barroso, no bairro São José em frente a Praça do Trabalho.

Iremos entrevistar a presidente da casa de apoio, Lúcia Ventura que comanda o andamento da casa e recebe os pacientes, iremos falar sobre como é o funcionamento do local, qual ajuda dá aos pacientes, quantas pessoas atende em média, etc.

As imagens serão enquadradas na entrevistada de forma que a repórter não apareça muito, será no estilo de um bate papo, onde a repórter encaminhará ela antes sobre o que irá falar e se necessário acrescentará perguntas no decorrer na reportagem.

Anexo E: Pauta - Reportagem especial: dia a dia de um portador de HIV - estigma e discriminação

Retranca: Vivendo com o HIV

Produção e reportagem: Nathália Lucena e Ewerton Andrade

Roteiro: 23/10/2017

Entrevistado: Humberto Martins (nome fictício) Portador do vírus HIV/aids

Proposta

Embarcar na história de um soropositivo buscando uma maior compreensão sobre a realidade e a luta de cada dia deles. Consolidar de forma clara e simples as dificuldades enfrentadas, preconceitos e os tratamentos usados.

Encaminhamento

A reportagem será gravada na residência de Humberto, localizada na Av.: Canal, 591, apto.: 504.

Iremos entrevistar o portador do vírus HIV, Humberto Martins (nome fictício) que irá nos falar de forma clara como vive com a doença, contar como descobriu que era portador do vírus, as dificuldades enfrentadas, o tratamento, preconceito.

As imagens serão enquadradas na lateral do entrevistado, pois o mesmo pediu pra não aparecer muito o seu rosto, de forma que a repórter não apareça muito, será no estilo de um bate papo, onde a repórter encaminhará ele antes sobre o que irá falar e se necessário acrescentará perguntas no decorrer na reportagem.

Anexo F: fotos da equipe em campo

Figura 1 – Entrevista com Humberto Martins portador do vírus HIV.



Fonte: José Ewerton Anacleto de Andrade

Figura 2 – Lúcia de Fátima coordenadora do SAE e Assistente Social.



Fonte: Vinicius Farias

Figura 3 - Lúcia de Fátima coordenadora do SAE e Assistente Social.



Fonte: Vinicius Farias

Figura 4 - Lúcia de Fátima coordenadora do SAE e Assistente Social.



Fonte: Vinicius Farias

Figura 5 - Lúcia de Fátima coordenadora do SAE e Assistente Social.



Fonte: Vinicius Farias

Figura 6 – Imagens externa do SAE.



Fonte: José Ewerton Anacleto de Andrade

Figura 7 – Imagem da farmácia do SAE.



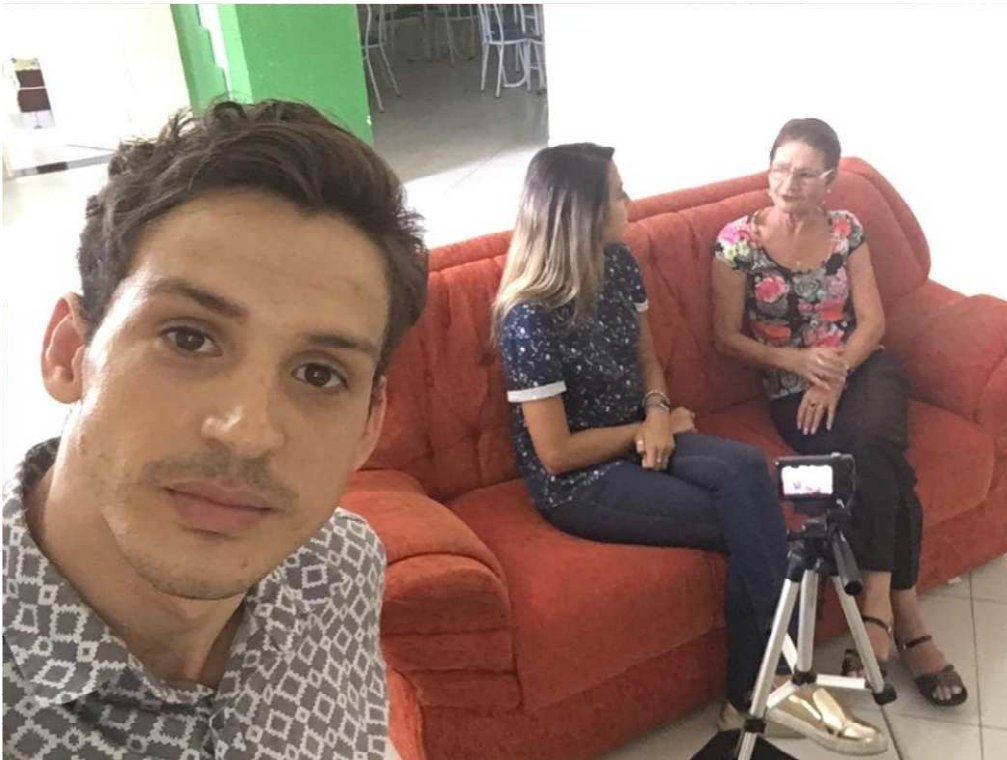
Fonte: José Ewerton Anacleto de Andrade

Figura 8 - Lúcia Ventura presidente da casa de apoio.



Fonte: José Ewerton Anacleto de Andrade

Figura 9 - Lúcia Ventura presidente da casa de apoio.



Fonte: José Ewerton Anacleto de Andrade

Figura 10 - Lúcia de Fátima coordenadora do SAE e Assistente Social.



Fonte: José Ewerton Anacleto de Andrade

Anexo G: Termos e solicitações

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, SONIA MARIA BARBOSA DE SOUZA, nacionalidade BRASIL, estado civil CASADA, portador da cédula de RG n.º 683.176, inscrito no CPF sob número 32356830491, residente à Av/Rua SEN. ARGEMIRIO AUGIACOS cidade de CAMPINA GRANDE, AUTORIZO o uso da minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeos, fotos e documentos para ser utilizada no âmbito do trabalho acadêmico de conclusão de curso por meio da Universidade Estadual da Paraíba. Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito em que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em duas vias de igual teor e forma.

CAMPINA GRANDE, dia 10 de novembro de 2017.

Sônia Maria Barbosa de Souza

ASSINATURA

Nome:

Telefone para contato: 986834012

NATHÁLIA DE LUCENA JERÔNIMO LIMA
Rua Floriano Peixoto, nº 1.650. Res. José Marinho de Lucena.
Santo Antônio. Campina Grande - PB
CPF 094.080.014-43

campina Grande, 08 de novembro de 2017

**AO CENTRO DE REFERÊNCIA EM REABILITAÇÃO E
ASSISTÊNCIA EM SAÚDE DO TRABALHADOR
(CERAST)
ATT: RACHEL BRITO DE F. MELO LULA –
COORDENADORA DE EDUCAÇÃO NA SAÚDE**

Através da solicitação presente, venho requerer a Vossa Senhoria uma liberação para gravação de uma reportagem especial, no Serviço de Assistência Especializada em HIV/Aids (SAE), com finalidade para nota do meu trabalho de conclusão de curso, cuja orientadora é Verônica Oliveira.

Aguardo a atenção, e desde já agradeço.

Ciente,
Rachel Lula
RACHEL BRITO DE F. MELO LULA
COORDENADORA DE EDUCAÇÃO
NA SAÚDE
08/11/17

Nathália de Lucena Jerônimo Lima
NATHÁLIA DE LUCENA JERÔNIMO LIMA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, LÚCIA DE FÁTIMA LEITE BRIND nacionalidade BRASILEIRA
 estado civil DIVORCADA, portador da cédula de RG nº. 505.237-55PB
 inscrito no CPF sob número _____, residente à Av/Rua
RES-LOSA SILVA 218, cidade de CAMPINA GRANDE.
 AUTORIZO o uso da minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de
 vídeos, fotos e documentos para ser utilizada no âmbito do trabalho acadêmico de
 conclusão de curso por meio da Universidade Estadual da Paraíba.
 Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de
 direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de
 remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito em
 que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer
 outro, e assino a presente autorização em duas vias de igual teor e forma.

Campina Grande, dia 10 de novembro de 2017.

Lúcia de Fátima Leite Brind

ASSINATURA

Nome: LÚCIA DE FÁTIMA

Telefone para contato: 988306758
996410913

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Luícia Ventura Nunes, nacionalidade Brasileira, estado civil viúva, portador da cédula de RG nº. 2.970.344, inscrito no CPF sob número 841184664-49, residente à Av/Rua Amélia Abrahão Jorge 48 A, cidade de Campina Grande,

AUTORIZO o uso da minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeos, fotos e documentos para ser utilizada no âmbito do trabalho acadêmico de conclusão de curso por meio da Universidade Estadual da Paraíba. Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito em que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em duas vias de igual teor e forma.

_____, dia ____ de _____ de _____.

Luícia Ventura Nunes

 ASSINATURA

Nome:

Telefone para contato: 9-8811-0263